

Guy Jimenes

ORFEU, o encantador

apêndice

Marie-Thérèse Davidson

tradução

Álvaro Lorencini



copyright © 2004 by Éditions Nathan, Paris, França

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Orphée l'enchanteur

Projeto gráfico

Kiko Farkas e Thiago Lacaz/Máquina Estúdio

Ilustração da capa

Iuri Lioi

Preparação

Ana Maria Alvares

Revisão

Viviane T. Mendes

Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (cip)

(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Jimenes, Guy

Orfeu, o encantador / Guy Jimenes; apêndice Marie-Thérèse Davidson; tradução Álvaro Lorencini. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: *Orphée l'enchanteur*.

ISBN 978-85-359-1734-5

1. Literatura juvenil I. Davidson, Marie-Thérèse. II. Título.

10-08265

COD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura juvenil 028.5

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORASCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Cet ouvrage, publié dans le cadre du Programme d'Aide à la Publication Carlos Drummond de Andrade de l'Ambassade de France au Brésil, bénéficie du soutien du Ministère français des Affaires Etrangères et Européennes.

Este livro, publicado no âmbito do programa de participação à publicação Carlos Drummond de Andrade da Embaixada da França no Brasil, contou com o apoio do Ministério francês das Relações Exteriores e Europeias.



Sumário

Mapa: o mundo de Orfeu 6

Prólogo 9

1. Jasão 15

2. O pastor guloso 21

3. Com os argonautas 27

4. O canto de morte 35

5. O pastor das abelhas 45

6. Eurídice, mais bela que a aurora 53

7. A mordida da serpente 61

8. “Abram-me esta porta...” 73

9. A descida aos Infernos 79

10. Rumo à liberdade 87

11. O Inconsolado 93

12. O sorriso de Orfeu 101

Epílogo 109

Genealogia de Orfeu 115

Apêndice — Para conhecer melhor Orfeu 117

Glossário 127

Sobre o autor 133

O mundo de Orfeu





CÓLQUIDA

Mar Negro
(ou PONTO EUXINO)

De sua janela, Orfeu aguardava ansiosamente a chegada de Jasão. Mensagens vindas de Iolco, alguns dias antes, lhe haviam anunciado essa visita. Ele sabia que o filho de Éson projetava fazer-se ao mar para uma formidável expedição e que estava reunindo uma equipagem. Jasão contava com ele para essa viagem, pelo menos era o que as mensagens davam a entender:

— Sua reputação, Orfeu, chegou até a Tessália. Você inventou a arte da poesia, que torna a palavra mais bela e mais harmoniosa! E seu canto possui a graça de confortar os corações.

“Os mensageiros disseram a verdade”, pensou Orfeu. “Mas não tenho grande mérito nesse caso. A lira que me dá inspiração me foi ofertada pelos deuses.”

Ele se lembrou daquela fria manhã de inverno... O rei Eagro, seu pai, acordado por sons novos, tinha ido ao seu quarto. Orfeu não o ouvira chegar, totalmente dedicado à sua música e ao seu canto. Eagro evitou interrompê-lo, fascinado pela estranha história que ele contava, tentando dominar os sons da lira com tocante imperícia.

A mãe de Orfeu, a musa* Calíope, juntou-se a eles. Embora habituada a cantar com Apolo* diante dos deuses reunidos, ela guardou silêncio, para não correr o risco de perturbar a graça daquele instante.

Na claridade nascente, ela foi tocada até a alma pela voz melodiosa. Seu filho exprimia o desespero de ver a lira desaparecer e, depois, a alegria triunfal, quando o instrumento lhe caiu nos braços...

Orfeu julgava ouvir ainda o pai:

— Seu canto é maravilhoso. Mas de que novo jardineiro você fala?

— Eu sei — adivinhou Calíope. — É o mensageiro dos deuses, Hermes* dos pés alados, que apareceu ao nosso filho para lhe trazer este presente!

Orfeu se perturbava a cada uma dessas lembranças.

Como esquecer que o presente da lira tinha sucedido ao doloroso episódio em que o olho vermelho lhe aparecera no fundo de um cofre? O olho de Hades, ele tinha certeza. E, frequentemente à noite, ele revivia em sonho aquele momento aterrador em que se encontrou às portas dos Infernos.

Ele jamais tinha falado a alguém sobre aqueles terrores noturnos. E eis que agora Jasão lhe pedia que embarcasse na *Argo*. Orfeu ansiava por se lançar nessa aventura. Entretanto, apesar das palavras lisonjeiras dos mensageiros, ele não tinha certeza de que era capaz. “Logo Jasão estará aqui”, pensou ele. “Que resposta lhe dar?”

Um galope desenfreado e o filho de Éson penetrou no pátio, saltou de seu cavalo e lançou aos guardas:

— Levem-me ao seu chefe!

Um momento mais tarde, seus passos ressoaram sobre o pavimento, e ele entrou como um conquistador. Tinha cavalgado dois dias e duas noites para chegar a Ródope,* mas não mostrava nenhum cansaço. Era um verdadeiro colosso, uma força da natureza. O rosto quadrado, ornado com uma barba emaranhada, exprimia toda a sua alegria de estar ali.

Eles eram mais ou menos da mesma idade e, embora ultrapassasse Orfeu de cabeça e ombros, Jasão inclinou-se humildemente diante dele:

— É uma grande honra conhecê-lo.

Orfeu inclinou-se por sua vez, levemente embaraçado:

— Bem-vindo seja, Jasão. Você deve estar morto de fome e de sede. Aqui temos comida para restaurar suas forças.

— Deixemos isso — disse Jasão. — Anseio por saber sua decisão. Aceita minha proposta?

Orfeu guardou silêncio por um momento, procurando as palavras mais simples que poderiam convencer seu interlocutor e atenuar sua decepção.

— Não entendo bem o que você espera de mim, Jasão. Eu não sei lutar. Pior que isso: eu expulsei todo ato violento de minha existência! Repugna-me até mesmo matar uma mosca. Só a poesia conta para mim, você sabe bem disso!

— Precisamente! Eu não teria o que fazer com mais um valente! Nós já somos quase cinquenta guerreiros, impacientes para desafiar os perigos! Você, Orfeu, você é único. O primeiro poeta! Você possui apenas a arte de tocar os corações. Com seu canto, você saberá encorajar-nos e reconfortar-nos na adversidade.

O essencial estava dito. Orfeu desviou o olhar, comovido pela humildade de Jasão e sua força de convicção.

— Pois bem, de acordo! — respondeu. — Partirei com os argonautas e tratarei de mostrar-me digno de sua confiança.

Jasão apertou-o nos braços a ponto de sufocá-lo. Os pés de Orfeu não tocavam mais o solo.

— Onde dormiremos? — preocupou-se ele mais tarde, quando discutiam as disposições a tomar.

Jasão olhou-o, surpreso de que ele se preocupasse com esse detalhe.

— Dentro do *Argo*, você quer dizer? As redes nos servirão de cama.

— Mas essas redes, em que parte do navio serão estendidas? — insistiu Orfeu, tomado de uma verdadeira apreensão.

— Na parte mais tranquila e de temperatura mais agradável: no porão.

Orfeu ficou lívido. “No porão” soava para ele como a tampa de um cofre de madeira fechando-se sobre sua cabeça.

— O que houve? — perguntou Jasão. — Está se sentindo mal?

— Não é nada. Uma vertigem. Já vai passar.

Orfeu evitou confessar a Jasão seu temor de criança. Não pretendia revelar que esse temor jamais o havia abandonado e que todo lugar fechado e escuro, caverna, gruta, subterrâneo, provocava nele uma angústia insuperável.

Controlou-se:

— Dormirei na ponte, ao ar livre — lançou ele com voz firme.

— Como quiser — respondeu Jasão, conciliador.

O embarque devia ser feito dentro de alguns dias, no porto de Pagases, na Tessália, próximo de Iolco. O chefe dos argonautas propôs a Orfeu ir até lá a cavalo, com ele, mas o poeta declinou da oferta. Preferia a marcha solitária, que lhe permitiria meditar e compor seus cantos.